PME Magazine
Portugal.Mundo.Empresas

De olho no futuro da CPLP

SALIMO ABDULA

Presidente da CE-CPLP

pmemagazine.sapo.pt

O PRIMEIRO DE MUITOS

Bem-vindo ao primeiro *e-book* da PME Magazine. Ao longo de mais de quatro anos, a PME Magazine tem trazido a público grandes entrevistas de figuras de destaque do setor empresarial português e global.

Neste primeiro *e-book*, poderá recordar a primeira grande entrevista da primeira edição da PME Magazine, com o presidente da Confederação Empresarial da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CE-CPLP), Salimo Abdula.

Foi no final de junho de 2016 que começámos uma caminhada de abertura dos media para mostrar ao mundo o que de melhor fazem as PME portuguesas. Na altura, Salimo Abdula lembrava que o setor empresarial estava "ávido por uma CPLP sem constrangimentos", que potenciasse as melhores sinergias empresariais entre os países de língua portuguesa.

Recorde, agora, a entrevista completa, o primeiro de muitos *e-books* que iremos lançar com as entrevistas das nossas figuras de capa.

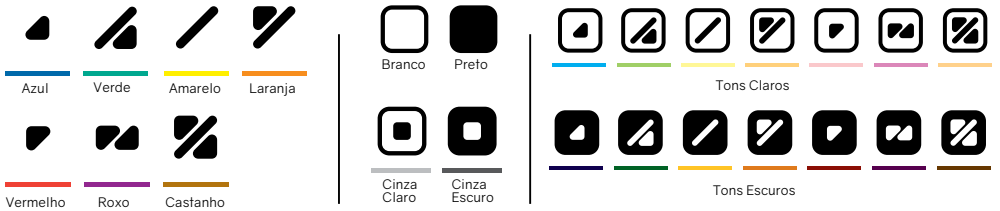
Boas leituras e bons negócios!

ANA RITA JUSTO | EDITORA

COLORADD
NA PME MAGAZINE

A PME Magazine conta com 14 grandes secções, que servem de guia estrutural para as temáticas abordadas. De forma a tornar a revista mais inclusiva, foi integrado nas secções o sistema de identificação de cores ColorADD. Assim, cada secção conta com uma cor diferente, identificada com um símbolo que permite a pessoas daltónicas identificarem as cores que estão a ver.

Desenvolvido com base nas três cores primárias, representadas através de símbolos gráficos, o código ColorADD assenta num processo de associação lógica que permite ao daltónico, através do conceito da adição das cores, relacionar os símbolos e facilmente identificar toda a paleta de cores. O branco e o preto surgem para orientar as cores para as tonalidades claras e escuras.



FICHA TÉCNICA

DIRETORA: Mafalda Marques
EDITORA: Ana Rita Justo
REDAÇÃO: Denisse Sousa
VÍDEO E FOTOGRAFIA: Rafael Marques
DESIGN GRÁFICO: Carlos Alberto Cavaco

“O SETOR PRIVADO ESTÁ ÁVIDO DE UMA CPLP SEM CONSTRANGIMENTOS”

Salimo Abdula

Ana Rita Justo
Rafael Marques

Há dois anos foi eleito presidente da Confederação Empresarial da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CE-CPLP), cargo que abraça pela livre circulação de pessoas, bens e capitais nos países da comunidade. Contra a "inércia" e a favor do sucesso, assim se apresenta o moçambicano Salimo Abdula, que pede pulso firme de Lisboa no futuro comum da CPLP

PME Magazine – **Que balanço que faz desde que iniciou funções como presidente da CE-CPLP? Atingiu todos os objetivos a que se propunha?**
Salimo Abdula – O balanço é positivo. A olhar para a fundação da CE-CPLP, nos cerca de 11 anos da sua existência, começam a surgir efeitos positivos daquilo que foi a visão dos fundadores – também fiz parte desta comissão na altura. A Confederação vem complementar, como quarto pilar da CPLP, a missão de desenvolver a visão da sociedade sob o ponto de vista mais económico, criando a perspetiva de uma CPLP económica, com uma dinâmica que prevê a interação entre empresários dos nossos nove países, criando e ajudando no ambiente de negócios que vai atrair mais investimentos para a nossa comunidade. Portanto, a missão da CE-CPLP ainda está no seu início. Estes 11 anos foram um período de maturação, fomos reconhecidos pelo nosso trabalho em 2014, na última cimeira de Chefes de Estados em Díli, Timor-Leste, onde a CE-CPLP passou a ter uma obrigação mais formal de apresentação de relatórios ao Conselho de Ministros da CPLP. Procuramos sempre auscultar a vontade dos empresários na comunidade, viajámos por todos os países onde auscultámos o setor privado; falámos com as autoridades parlamentares de todos os países de forma a desenvolver um plano quinquenal para o nosso mandato.

PME Mag. – **E quais são os maiores desafios que o setor privado, nos países da CPLP, lhe apresentou?**
S. A. – O setor privado está ávido de olhar para uma CPLP aberta, onde não haja constrangimentos de livre circulação de pessoas e bens. Somos uma comunidade, não faz sentido que haja barreiras. Numa família, se temos limitações de circular dentro de nossa casa, isto passa a ser uma família incompleta e a CPLP tem este défice. Se queremos ser uma comunidade socioeconómica, como mandam as regras, temos de ter a coragem de darmos um passo e o primeiro é a livre circulação de pessoas, depois de bens e, mais tarde, quiçá, de capitais. Estes aspetos irão consolidar o grande objetivo desta comunidade que tem um imenso desafio pela frente se quiser ser um dia líder mundial economicamente.

"Portugal tem um papel importante aqui. É o elo da grande ligação histórica da CPLP"

PME Mag. – **Ainda não conseguiu reunir consenso junto dos governos para que isto acontecesse?**
S. A. – Consenso existe, o que está a faltar é alguma inércia da parte de quem de direito na implementação. Nos últimos anos, a movimentação da CPLP tem sido mais cultural, política, social, onde há grandes vontades, grandes discursos, mas não se vê de forma pragmática o seu empenho. Deixem-me salutar o trabalho feito pelo atual Secretário Executivo da CPLP, Isaac Murade Murargy – foi quem nos deu uma mão para que a CE-CPLP, em representação do setor privado, pudesse ser mais visível, levar a cabo esta missão de forma a dinamizar uma CPLP mais económica. Claro que temos grandes desafios: primeiro, este cenário de marketing social que andamos a fazer para a sensibilização dos governos, da sociedade. Não há duvida que a sociedade quer, os governos não dizem que não, agora como é que nós conseguimos efetivar isto? Com muita persistência e total seriedade da parte que envolve os dirigentes governamentais e dirigentes associativos, que na essência dinamizam também a pressão sobre os Estados. E isto tem de acontecer, é inevitável. Até porque o potencial que a CPLP tem vai reduzir-se a pó se não conseguirmos de uma forma pragmática e disciplinada olharmo-nos com frontalidade e reunir condições para que possamos efetivar todas estas vontades da comunidade. É desta forma que a CE-CPLP tem estado a organizar-se, através do marketing social. A CE-CPLP pretende unir a marca da CPLP, de forma que cada país-membro possa ter os seus produtos no mercado de forma conjunta com a marca CPLP. Nós elegemos alguns setores privilegiados onde devem ser concentrados alguns esforços no sentido de capitalizarmos e nos posicionarmos no mercado internacional, nomeadamente o setor agrícola e agroindústria. Se olharmos para o crescimento populacional do planeta, as pessoas vão precisar de comer mais e melhor. A classe média está a aumentar e quem é que tem a solução para produzir mais alimentos em quantidade e qualidade? A CPLP. São nove países que estão representados em quatro continentes e nesses quatro continentes a disponibilidade da terra arável e água, por exemplo, no Brasil é de 37% e 36.6% de terra arável e água está no continente africano. Portugal e Brasil são países que detêm tecnologia e devem trazer esta mais-valia de forma a transformarmos esta terra em terra capitalizada, gerando mão-de-obra intensiva, criando muito emprego, trazendo produtos acabados para oferecermos ao mercado internacional. Temos um outro potencial setor que é o turismo – a nível mundial as pessoas tendem a reduzir as horas de trabalho e precisam de mais tempo de lazer e a comunidade da CPLP tem nove países, todos abençoados com sol e mar, que podem ser uma grande indústria. No entanto, há um setor que tenho que referir que é o setor do petróleo. Dentro de duas décadas, a CPLP vai representar pouco mais de 25% a 27% do mercado mundial e está na hora de os países reunirem esforços de forma a organizarmo-nos como uma OPEP *[n. d. r. Organização dos Países Exportadores de Petróleo]* da CPLP, de forma não ficarmos fragilizados como vemos neste momento com esta crise mundial com a baixa agressiva do preço do petróleo em que países produtores como Angola, Timor-Leste ou Guiné Equatorial, que concentraram muito as suas economias neste setor e, neste momento, estão a sofrer.

CE-CPLP tem mais de cem membros associados

PME Mag. – Então, o próximo passo é criar uma organização para defender os interesses desses países produtores de petróleo?

S. A. – Este é um dos cenários que olhamos como forma de nos posicionarmos no mercado internacional. Temos um mar de oportunidades, mas estas são algumas que elencamos. É possível posicionarmo-nos de forma que o mercado mundial comece a olhar para o espaço CPLP com alguma responsabilidade. Aliás, já olham. A CPLP já é quarta potência mundial – da forma desorganizada como estamos! Agora imagine que arregaçamos as mangas e assinemos protocolos com algum pragmatismo. O mais importante é que se crie a livre circulação de pessoas de forma que os empresários circulem dentro do espaço da CPLP como se da sua casa se tratasse. Por exemplo, verificámos há uns anos uma crise em Portugal, que é um país que tem um grande potencial das PME, tem capacidade tecnológica, disponibilidade de conhecimento, mas pode maximizar isto fora de Portugal e no espaço CPLP, em Moçambique, Angola, São Tomé – são países que podem absorver esta capacidade tecnológica, ajudando-os a transformar as riquezas adormecidas. Não serve de nada ter terras aráveis, água, se não está trabalhada, se não estiver trabalhada vale zero. É preciso gerar economia, gerar emprego nestas sociedades de forma a trazer alguma estabilidade socioeconómica aos países da CPLP menos desenvolvidos.

ELIMINAR TABUS

PME Mag. – Falou da inércia de alguns países da CPLP. Numa entrevista ao DN disse que no Brasil a presidente Dilma Rousseff talvez se tenha desligado da CPLP. Acha que o Brasil – apesar da grave crise política – poderia estar a tomar uma posição mais proeminente na CPLP? Há outros países que também não o fazem e deviam fazê-lo?

S. A. – É relativo. Há uma perceção de que o Brasil no mandato da presidente Dilma Rousseff não deu tanta atenção, como no mandato do anterior presidente, Lula da Silva, àquilo que eram as perspetivas da CPLP. Agora é difícil comentar, porque o Brasil está a enfrentar momentos muito delicados e espero que, como país membro da CPLP, consiga ultrapassar este problema. O facto é que olhamos com alguma angústia para um país com um potencial enorme para ser um farol importante na CPLP. Esperemos que o Brasil se reencontre, que seja este país que já tinha iniciado este processo de ligação com a CPLP, transferindo tecnologia, a sua capacidade de desenvolver o setor agroindustrial para Moçambique, Angola, Guiné Equatorial, ajudando esses países a crescerem e usando o potencial que têm. Portugal tem um papel importante aqui. É o elo da grande ligação histórica da CPLP e é preciso que saibamos de forma frontal eliminar esses tabus. São os tabus que nos perseguem pelas razões históricas, mas chegou a altura, volvidos mais de 40 anos das independências dos PALOP, que olhemos frente a frente, com algum pragmatismo, para que todos os novos Estados-membros da CPLP possam usufruir. O nosso lema é muito simples: se queres ir rápido vai sozinho, se queres ir longe, vamos juntos. Devemos pegar neste *slogan* de forma a trazer com alguma energia a força das nossas nove nações, independentemente da sua dimensão territorial – todos têm valor, todos têm posição geoestratégica, estamos em quatro continentes, até posição na Ásia temos, através de Timor-Leste. Portanto temos de trabalhar isto de forma muito responsável, somos uma comunidade que tem uma dimensão, um potencial, que nós, cidadãos da CPLP, ainda não dimensionamos. Podemos, dentro de duas décadas, vir a ser das comunidades mais próspe-

"Esperemos que o Brasil se reencontre, que seja este país que já tinha iniciado este processo de ligação com a CPLP, transferindo tecnologia, a sua capacidade de desenvolver o setor agroindustrial para Moçambique, Angola, Guiné Equatorial, ajudando esses países a crescerem"

ras, a liderar certos setores neste planeta, o que é preciso é que alinhemos as estratégias, eliminemos os tabus e façamos trabalho conjunto. A CE-CPLP tem estado a fazer esse esforço. O que pedimos da parte política é simples: criem as autoestradas que os empresários resolvem o resto.

PME Mag. – Hoje em dia temos um desafio cada vez maior contra o terrorismo. A questão da segurança pode estar a criar entraves à livre circulação dentro da CPLP?

S. A. – É lógico que a questão da insegurança mundial atrapalha não só a CPLP, atrapalha o mundo. Algo tem de ser feito. Nós, como CPLP, temos de ter a coragem de olhar de forma pragmática. Até porque os nossos países não têm risco de migração massiva. Estão em quatro continentes e penso que já começaram alguns acordos bilaterais. Por exemplo, Moçambique e Angola já têm um acordo para livre circulação, Moçambique está a discutir com o Brasil e por aí fora. Sei que Portugal tem tido algumas limitações com relação à União Europeia (EU), mas relembramos que quando há vontade há soluções. França conseguiu chegar aos seus acordos, protegeu os seus países francófonos. Porque é que nós os lusófonos estamos mais adormecidos? É uma questão de opção. Portugal deve também olhar com alguma convicção: aposta mais na CPLP ou na UE? Ou consegue conciliar as duas? Mas há trabalho a ser feito. Alguns políticos que deviam tomar decisões têm uma visão míope e estão muito preocupados com a sua posição de acesso a alguns cargos internacionais e não olham com responsabilidade uma visão de sobrevivência do seu próprio país, da sua comunidade a médio e longo prazo, porque se não agirmos o mais rápido possível dentro de pouco mais de um século corremos o risco de desaparecer. Por exemplo, Moçambique está numa região ligada à Commonwealth e a juventude pergunta: 'O que é isso da CPLP? Se eu quero ir à África do Sul ou ao Zimbabwe pego no carro e vou e para ir para Portugal ou outro país tenho de pedir vistos e ir a entrevistas'. O que será com os filhos destes? Temos de pensar de forma pragmática, Portugal é importante nisso. Tenho ouvido com alguma satisfação o discurso do Presidente da República português e do primeiro-ministro, que a CPLP é uma prioridade. É uma posição que nos conforta como Confederação, agora: qual é o passo na implementação disto? Hoje temos tecnologia capaz de filtrar a migração das pessoas que vão ficando em base de dados. É preciso é haver vontade política e darmos o salto para a frente.

Presidente pede mão firme dos políticos para uma CPLP mais aberta

PME Mag. – E já teve oportunidade de falar com o primeiro-ministro, António Costa, sobre esta questão?

S. A. – Não. Vamos encontrar-nos, mas já tivemos esta conversa com o candidato e agora Presidente, já falámos com o anterior primeiro-ministro e anterior Presidente da República, com o Brasil, aliás, com todos os Estados da CPLP. Ninguém está contra. Todos apoiantes e convincentes de que a CPLP é um projeto para andar.

PME Mag. – Angola vive também um momento de instabilidade económica. Há preocupação com o que pode representar para os países e empresas da CE-CPLP?

S. A. – Angola é vítima do seu próprio sucesso. Concentrou demasiado a sua economia no petróleo – cerca de 92% e está agora a tentar retificar este erro estratégico. Hoje podemos tentar corrigir estas más experiências, usar esta capacidade existente para industrializar o país e diversificar a economia, mas o efeito é visível: quando Angola sofre, sofremos todos. Portugal, por exemplo, sofre bastante, porque muitos dos empresários portugueses têm grandes investimentos em Angola. É um país irmão. Portugal e Brasil vão sentir, os outros países menos, mas Angola era um grande player na região: certamente que Guiné e Cabo Verde também sentiram, Moçambique menos, mas também. Quando num corpo como a CPLP alguém tem uma lesão num dedo o corpo todo sente. Assim como a instabilidade do Brasil afetou a CPLP, quando Portugal teve a crise económica afetou a CPLP, quando Moçambique tem alguma instabilidade afeta a CPLP, temos de agir como um corpo de interajuda. Os empresários são um complemento daquilo que são as boas políticas. Obviamente quando há má política os empresários são os que mais sofrem, porque arriscam as suas vidas, as suas economias, para empregar pessoas, e quando eles sofrem o país sofre porque há desemprego, há menos impostos pagos, toda esta panóplia de questões que estão interligadas. Temos relatos de que Angola está a preocupar-se mais na

diversificação da sua economia, Angola é um país rico no potencial de recursos naturais, mas tem terras aráveis, tem água, tem potencial energético, turístico, tem potencial agrícola. Enfim, é um país rico, mas empobrecido.

PME Mag. – A entrada da Guiné Equatorial (GE) na CPLP gerou polémica. O que é que os países membros da CPLP podem retirar com esta entrada na comunidade?
S. A. – Vimos que era um valor acrescentado sob o ponto de vista socioeconómico, pela sua história – foi um país primeiro descoberto por Portugal, teve durante muitos anos *[relação com]* Portugal e depois por razões históricas ficou muito ligado a Espanha. Mas agora, com alguma persistência, quis retomar os laços históricos. Como empresários olhamos na perspetiva: 'porque não?'. Acreditamos, como empresários, que o isolamento não é bom, se queremos dar oportunidade a um país, não é isolando, é dando-lhes oportunidade de mostrarem o que valem, conviver com outras culturas, com um ambiente internacional – o mundo hoje é uma vila global e não é decente continuarmos com uma estratégia de isolamento. O relato que tínhamos é que estavam cerca de 800 empresas americanas a investir na Guiné Equatorial, umas tantas brasileiras e de França... E porque não Portugal? Moçambique? Angola? Países da CPLP que eles queriam que entrassem e investissem e pudessem trazer mais-valia? E nós apostámos, demos um primeiro passo: introduzimos e aceitámos as Câmaras de Comércio da GE como membros da CPLP e depois efetivou-se a vontade política de agregar-se este país irmão fazendo dele o nono país da comunidade. A CPLP começou a acordar e a despertar interesse no globo, só falando nos potenciais socioeconómicos que a CPLP tem, agora imaginem quando conseguirmos traduzir isso em letra. Se tivermos bons líderes a CPLP vai ser uma potência mundial.

PME Mag. – A CE-CPLP tem correspondido à sua missão de ajudar a CPLP a tornar-se mais global?
S. A. – A CPLP reorganizou-se e está a criar condições para ser o mais abrangente possível. Antes do nosso mandato a confederação tinha 11 ou 12 membros e nós achámos que poderíamos abrir para membros aderentes e efetivos. Hoje temos mais de cem membros entre todos os países da CPLP. Debaixo disso estamos a organizar alguns órgãos, como a União de Exportadores, que tem a responsabilidade de dinamizar os intercâmbios entre empresários dos nove países. Vamos também fazendo aquilo que é a responsabilidade social, como já fizemos na Guiné Equatorial, angariando fundos para um centro de formação profissional, vamos oferecer um centro de certificação de produtos agrícolas para ajudar os produtos da Guiné Equatorial a serem exportados. Estes órgãos vão dinamizar a ligação entre os vários segmentos dos empresários. Todos são bem-vindos e juntos somos mais fortes. E a CPLP não pode ser vista só como uma organização de Portugal. Por acaso o secretariado-geral da CE-CPLP está em Portugal, como poderia estar em Moçambique, neste caso temos uma presidência moçambicana. Depois temos outros projetos, como o centro de arbitragem, conciliação e mediação – um instrumento legal importante nesta dinâmica empresarial. Não podemos aceitar que nas transações entre duas empresas dentro da comunidade sejam obrigadas a assumir legislação externa à CPLP. Queremos criar este centro de arbitragem da CPLP de forma que possa diluir potenciais conflitos comerciais. Outro projeto em curso é o observatório, onde qualquer investidor ou potencial investidor encontra todas as informações necessárias. Contamos com a maior divulgação possível deste desafio da comunidade para que possamos angariar cada vez mais membros, de forma a levarmos a cabo todos os nossos sonhos e podermos afirmar-nos como espaço económico com um ambiente propício a fazer negócio.

PME Mag. – Criaram a Federação das Mulheres Empresárias. Vê nelas uma força nova e grande que precisa de apoio?
S. A. – Sim. A expectativa é grande. Não menosprezando Portugal, nos PALOP o negócio informal é assente em mais de 70% nas mulheres. São elas que dinamizam a economia micro e informal, que asseguram a sobrevivência das suas famílias. Se conseguirmos transformar esta energia positiva em atos mais concretos que possam elevá-las mais formalmente na economia das nações-membros da CPLP estaremos a olhar a um potencial para duplicarmos, triplicarmos o tipo das economias dos nossos países.

PME Mag. – A CE-CPLP é um bom espaço para as PME prosperarem?
S. A. – As PME organizadas são o grande sustentáculo da CE-CPLP. É neste nicho que mercado que queremos apostar mais, porque as grandes empresas têm os seus caminhos feitos, precisarão mais da CE- CPLP num aspeto de estratégia, para absorver essas PME como suas clientes, parceiras, fornecedores...Mas nós temos uma estratégia abrangente. A CE-CPLP não separa as grandes *[empresas]*, das pequenas das micro. Com o crescimento da CE-CPLP, certamente a estratégia vai se refinando de forma a podermos maximizar as ambições

"Nos PALOP o negócio informal é assente em mais de 70% nas mulheres. São elas que dinamizam a economia micro e informal, que asseguram a sobrevivência das suas famílias"

de cada nicho de mercado, mas neste momento precisamos da energia positiva de todos, para que consigamos coisas muito básicas. Quando falo em livre circulação de capitais as pessoas não entendem. Porque é que Londres é a capital financeira da Commonwealth? Porque é que Lisboa não pode ser uma capital financeira da CPLP? Nesta fase em que o empresário precisa de estabilidade, onde é que vai guardar o seu capital? Podia ser numa capital financeira em que todos concordassem. Quando digo Lisboa, pode ser Rio, São Paulo, Maputo, mas temos de encontrar um sítio que permita

Salimo Abdula foi eleito em 2014 presidente da CE-CPLP

que a circulação do capital seja direcionada, livre, onde o empresário acha que tem maior segurança, para que quando precisar de reinvestir noutro mercado da CPLP ou no seu país possa ir buscar sem restrições. É este processo que tem de ser dinamizado, se não os empresários geram riqueza e vão guardar as suas reservas em mercados fora da CPLP. Nós somos bons, mas podemos ser melhores, temos de confiar que temos potencial e que podemos fazer. O que está a acontecer é que não acreditamos em nós e temos de fazer muito trabalho de autoestima dentro da CPLP.

PME Mag. – **Como é que vê a alegada oposição de alguns membros da CPLP à nomeação de Portugal do novo secretário-geral da CPLP?**
S. A. – São os tais tabus que têm de ser eliminados. O que consumi sobre o assunto foi o que fui acompanhando na imprensa: o acordo de cavalheiros de que o país que hospeda o secretariado-geral não deveria nomear o secretário-geral. Não sei quais são os acordos, mas o que deve prevalecer é o bom senso. Se há um direito a que todos os nove países devem passar pelo processo de escolher o secretário-geral, seja feito. Como empresários, o que queremos é que quem lá esteja seja um defensor de uma CPLP mais virada para o segmento económico e empresarial, porque se não tiver esta dinâmica nós perdemos o interesse. E a CE-CPLP perderá força e, certamente, haverá *lobbies* isolados. Dividir para governar vai ser o caos. Será mais a continuação da CPLP para os cafés e para os almoços.

PME Mag. – **Quais são os seus objetivos para o resto do seu mandato?**
S. A. – Temos um plano quinquenal: conseguir consolidar a imagem da CE-CPLP. Criar uma hegemonia concreta da parte política e empresarial, alinhada com as perspetivas da CPLP. O resto são detalhes, tenho consciência que não vou conseguir fazer tudo mas quero deixar um legado. Sim, podemos ter uma CPLP forte, dinâmica e direcionada para uma liderança mundial da economia.

PME Magazine
Portugal.Mundo.Empresas
JULHO 2016 | TRIMESTRAL | EDIÇÃO N.º 1
SALIMO ABDULA
DE OLHO NO FUTURO DA CPLP
PROJETO ALA
QUANDO EMPRESAS E IPSS SE JUNTAM PARA FAZER NEGÓCIO
PALADIN
SAIBA COMO INTERAGIR, CONTROLAR COM MARCA
TASCA ITINERANTE
REINVENTAR-SE PARA SOBREVIVER

PME Magazine

Portugal.Mundo.Empresas

| A REVISTA DAS PME PORTUGUESAS |

pmemagazine.sapo.pt